

Suplemento Cultural

Rápidas impressões de um peregrino – Muro das Lamentações

Paulo Corrêa de Oliveira – escritor/cronista, teatrólogo, membro da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras

Conforme me propus em artigo anterior, vamos completar as observações sobre nossa viagem à Terra Santa.

É impressionante a veneração do povo judeu pelo Muro das Lamentações. Esse muro fazia parte da sustentação do Templo de Salomão, destruído no ano 70 a.D. pelos romanos e nunca mais reerguido pelos judeus. Numa referência do Evangelho, nesse local, Jesus, com doze anos, foi encontrado sentado entre os doutores da lei, ouvindo-os e interrogando-os, visto que seus pais o consideravam perdido no caminho de regresso para Nazaré.

Um tapume separa o muro em duas partes para que homens e mulheres, segundo a religião judaica ortodoxa, façam suas orações separadamente. Os homens, com a cabeça coberta, oram, acompanhados por um movimento rítmico do corpo. O guia turístico que nos acompanhava nos explicou que a oração depende de uma energia espiritual e corporal, demonstrada pelo movimento físico. Para eles, o Muro é o santuário mais sagrado do judaísmo. É o lugar mais próximo de Deus. Realmente, forma uma imensa sinagoga estabelecida ao ar livre. O respeito e veneração se tornam evidentes quando eles terminam suas orações. Afastam-se, então, alguns metros do Muro sem lhes dar



Em época de pandemia, o Muro das Lamentações é higienizado, bilhetes são controlados e é observado o distanciamento social

as costas, e, só depois numa reverência, voltam-se para sair.

As pequenas rachaduras do Muro são preenchidas com pedidos escritos em papéis enroladinhos. Soubemos que eles se referem a pedidos de recuperação de doentes, pela paz em Jerusalém e a vinda do Messias, pois para eles, o Messias ainda está por vir.

Quando estávamos junto ao Muro das Lamentações, vimos um garoto lendo a Torá durante a cerimônia de seu Bar Mitzvah. Para as crianças judias, é o equivalente à primeira comunhão dos católicos. Representa a passagem para a vida adulta.

O garoto estava cercado por parentes e amigos do lado dos homens. Por cima da cerca, e do lado das mulheres, via-se a cabeça de sua mãe aparecendo, bastante emocionada, acompanhando do seu lugar, mais distante, junto às outras mulheres, a cerimônia do filho.

No último dia de nossa permanência em Jerusalém, estivemos

na Via Dolorosa, uma ruazinha estreita e sinuosa, onde Jesus fez sua última caminhada para a condenação e morte na cruz. Acompanhamos, nesse trajeto, a Via Sacra. Em quase todas as estações existe a edificação de uma igreja, identificando o local do acontecimento. As cinco últimas estações, entre elas a da crucificação, do local da unção do corpo de Jesus descido da cruz, e da tumba do sepultamento, estão no interior da Igreja do Santo Sepulcro. A primeira igreja foi construída em 325 a.D., por ordem do imperador Constantino. Destruída depois pelos persas em 614. Foi reconstruída, e novamente destruída pelo Califa Hakin, em 1009. A igreja atual foi construída em 1149 pelos cruzados.

Jerusalém tem sido objeto de disputas, através dos séculos, de egípcios, assírios, babilônicos, persas, gregos, romanos, bizantinos, árabes, cruzados, mamelucos e otomanos.

“

Jerusalém centraliza três correntes religiosas monoteístas que a consideram terra sagrada: o Judaísmo, o Cristianismo e o Islamismo”

Nesses acontecimentos, vemos a paz de Jerusalém como um desejo da humanidade através da história.

Jerusalém centraliza três correntes religiosas monoteístas que a consideram terra sagrada: o Judaísmo, o Cristianismo e o Islamismo.

Como conclusão final, podemos dizer que a peregrinação à Terra Santa, visitando os lugares onde Jesus andou, nos dá uma visão mais clara dos escritos dos Evangelhos. Conhecendo o deserto, as cidades de Nazaré, Belém, Cana, Cafarnaum, e principalmente Jerusalém, vamos aprofundando nossos conhecimentos no roteiro da fé. E a impressão da presença quase física de Cristo vai se acentuando.

As águas do rio Jordão, do Mar Morto, e, sobretudo, do Mar da Galileia nos incitam a volver ao passado bíblico.

Temos que concordar com a propaganda oficial do Ministério do Turismo de Israel: depois dessa visita, nossa vida nunca mais será a mesma.

Um índio no século 20 – Claude Lévi-Strauss

Zorrillo de Almeida Sobrinho – escritor/cronista, foi membro da ASL

Pai tutelar do estruturalismo, ao mesmo tempo filósofo e etnólogo, o autor de “Tristes Tropiques” (“Tristes Trópicos”) – completará 100 anos e fará parte da coleção “A Plêiade”, onde serão agora publicados os seus livros.

Cem anos de solidão através de uma vida serena e discreta, indiferente a todos os projetos, à contracorrente de todas as modas. Se Claude Lévi-Strauss profundamente marcou o pensamento de seu tempo, jamais Claude Lévi-Strauss colheu um elogio como grande etnólogo, que sempre preferiu a sua companhia à dos mitos bororos, ou das óperas de Wagner ou da prosa de Rousseau do século XVIII, o único mestre-pensador que ele reconhece verdadeiramente, à exceção talvez do autor das “Memórias

de Além-Túmulo”, (de Francisco René, Vicomte de Chateaubriand) na volta do etnólogo para sua própria sociedade, o que coincide com possibilidade de uma reconciliação serena consigo próprio. “Em Nova York não tem mais nada a se fazer: a civilização não é mais esta flor frágil que se preservava”, escrevia ele em “Tristes Tropiques” em 1955, o livro unanimemente saudado por Bataille, Aronou e Blanchot e que, mais tarde, o revelaria ao público.

“A humanidade se instala na monocultura; ela se apronta a produzir a civilização em massa, como a beterraba”. Empreendimento do homem sobre que jamais uma natureza massacrada, destruição acelerada de toda diversidade cultural através do, assim chamado, pesquisador desencantado, que não havia jamais de transformar o mundo, ele também, politicamente.

Claude Lévi-Strauss foi o funda-

dor da teoria estruturalista francesa. Filósofo, tornou-se etnólogo no Brasil, nos anos 1930.

O volume da “Plêiade” contém “Tristes Trópicos”, “O Totemismo Hoje”, “O Pensamento Selvagem” e outros.

Dentre nossos ilustres acadêmicos da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras, contava-se o Pe. Ângelo Jayme Venturelli, nascido em San Remo, Itália. Ele estudou junto com Dom Aquino Correia, a língua e a história dos índios bororos. Alguns nomes das cidades sul-mato-grossenses como Coxim, Corumbá, Anhanduí, entre outros, se baseiam na Língua dos índios Bororos.

Em 1934, ele recebeu um telefonema de Calestin Bouglé, o diretor da Escola Normal Superior, propondo-lhe ir ensinar Sociologia na Universidade de São Paulo. E eilo, no começo do ano de 1935, num navio que conduz para o Brasil. Lá ele entendeu primeiramente de estudar o folclore dos arredores da cidade de São Paulo, Brasil. Vieram logo as expedições na floresta amazônica, entre Kadiwéu e os Bororos,

“

Claude Lévi-Strauss foi o fundador da teoria estruturalista francesa. Filósofo, tornou-se etnólogo no Brasil, nos anos 1930”

logo em seguida, os Nhambiquaras. Essas devem ser notas que certamente foram feitas nas entrevistas, as quais deverão, depois ser transfiguradas pelo trabalho literário, esses suntuosos capítulos que contam entre os monumentos da cultura do século XX. “Tristes Trópicos” explodiu e algumas ideias evocam igualmente os dias passados posteriormente em Nova York, onde viveu em exílio durante a guerra, ou ainda em Karachi, Delhi e Calcutá... A meditação para sua própria sociedade coincide com a possibilidade.

Padre

Hélio Serejo – poeta/escritor regionalista, pertenceu à Academia Sul-Mato-Grossense de Letras

Cavalgando sua montaria, passo cadenciado, lá vai ele, rumo ao sertão, certo e convicto da missão enobrecedora que Deus Nosso Senhor lhe confiou: salvar almas.

De arma, para enfrentar o inóspito, só o crucifixo.

Em cada fazenda, rancho de pau-a-pique, povoado ou ajuntamento de

casas, armava seu altar.

Batizava, fazia casamentos, celebrava missa ou rezava, contrito, com o seu rebanho, humilde, e temente a Deus.

Orientava uns, aconselhava outros, sempre possuído de uma fé inabalável, que o fazia um Santo aos olhos daquelas ovelhas, sedentas de amor cristão.

– A bença, padre!

– Deus te abençoe, filho!...

Assim, o cura milionário de crença e de bondade ia penetrando os ermos, gigante e su-

blime, em seu encargo, para depositar no coração do homem rude a divina refulgência da prática da vida, que reergue os fracos, consola os aflitos e indica o caminho certo ao transviado.

De seus lábios, repletos de meiguice e ternura, saíam as frases bíblicas, com exemplos dignificantes da vida e do sofrimento do Cristo – filho de Deus feito homem – que morreu na cruz por nós, estoico e soberbo, majestoso e excelso, sem blasfemar, porque sabia que viera para isso, para derramar seu sangue, receber a coroa de espinhos, carregar a cruz do martírio, ser açotado, cuspidado, injuriado e, por fim, morrer pela salvação de seu povo, que Ele queria e amava, com pureza e

desmedidamente.

O padre, confiante e simples, conselheiro e amigo, em tempos passados, furando a braveza do sertão, fez germinar a crença e a fé no coração do homem da minha terra, para que ele, acompanhando a marcha da civilização, pudesse ser digno de si mesmo, e seguisse belo e extraordinário a sua caminhada, iluminado, diuturnamente, pelo farol da razão, da humildade e da justiça, sem ódio e sem rancor.

Bem me recordo do padre chegando na vilota!

Que reboliço! Que alegria, Santo Deus!...

– A bença, padre!

– Deus te abençoe, filho!

Depois as mulheres armando

o altar, os homens em preparativos, aqui e ali, e a criança varrendo o terreiro, catando pau, prendendo os porcos, gritando e dizendo desaforos, brigando, recebendo descompostura, tabefe – longe das visitas do vigário – e tirando, apressadamente, o cisco.

Logo mais, a reza; todos ajoelhados, silenciosos, emudecidos, olhos pregados no altar, orando, pedindo graças e fazendo promessas.

Depois o sermão.

O padre falando com suavidade, dando exemplos, apontando erros, esclarecendo, insinuando...

Quando se ia o padre, uma tristeza ficava no olhar de todos, porque a festa se findara.

“

De seus lábios, repletos de meiguice e ternura, saíam as frases bíblicas, com exemplos dignificantes da vida e do sofrimento do Cristo – filho de Deus feito homem”

Do alto, ao desaparecer, dava, com a mão, abençoando as suas ovelhas!..

POESIAS

Palhaços*

(no circo da Vida)

Quanta felicidade em nossa face

Coando pelas máscaras fingidas...

É a mentira buscando algum disfarce

Das negras realidades escondidas!

Cada passo na vida é um impasse;

Nós, palhaços com mágoas aplaudidas...

Ah!... Se o rosto o sofrer não mascarasse,

Quantas palmas no ar desfalecidas!

E ao invés dessas salvas coloridas,

Daqueles a quem damos alegria,

Veríamos tristezas condoídas...

E o mesmo olhar que há pouco nos sorria,

Vendo agora as máscaras recolhidas,

Quanto pranto conosco choraria!

Geraldo Ramon Pereira –

coordenador cultural deste

Suplemento pela ASL

*Do livro “Álbum de Sonetos”,

Gráfica Universitária, UFMS.

Ensaio

Há em tudo um mistério.

Um meandro,

uma cabala.

Um sinal de mito no muro.

Quero ser um 'seriemo'

fora dos ermos dos pantanais.

Levo do pântano muita música

a reboque.

Quem quiser que

me toque.

Eu fiz lira do

meu bodoque.

Orlando Antunes Batista –

pertence à ASL